

■ **Dionísio Carneiro**

## **Admitir que o país cresça com inflação alta significa a 'sarneyzação' do governo Collor**



A grande novidade do governo Collor foi a disposição manifesta de enfrentar a inflação a qualquer custo e o ônus político envolvido nesse combate. Com base nisso, o governo anunciou, já no primeiro ano, um ajuste fiscal muito ambicioso, em cima de uma política extremamente desgastante para as forças que o apoiariam, pois mexeu nos contratos e confiscou a poupança. Havia dois objetivos no choque inicial. Um, estancar a hiperinflação, e o outro, retomar a condição de fazer uma política de estabilização. Num país como o nosso, só pode haver uma pretensão: estabilizar a economia para voltar a crescer, dado que o nível de bem-estar é extremamente insatisfatório.

O primeiro objetivo do ajuste foi conseguido, com a reversão da tendência hiperinflacionária. Mas o ganho na capacidade de fazer política foi minado pelos próprios erros de gestão do governo durante um ano. E, de certa maneira, a situação terminou da pior forma em termos do ajuste fiscal pretendido. Há um ano, tínhamos a ilusão de que o grande ajuste fiscal a fazer se limitava ao setor público federal em suas diversas esferas. Mas descobrimos, ao longo do tempo e no final do ano em particular, que isso era pouco. Por mais que atuasse na esfera federal, há um fator fora de órbita do governo — em termos políticos — que é a situação financeira dos estados.

Hoje, é grande a incerteza quanto à possibilidade de o governo federal realizar um ajuste que aumente sua capacidade de poupança. O próprio governo concluiu que não basta falar grosso e cortar na própria carne.

Para tocar o país, ele precisa da cooperação dos estados. A única alternativa a essa nova postura seria eliminar a capacidade de os estados criarem moeda, ou seja, deixar os bancos estaduais quebrarem em função do excesso de gastos. Mas sabemos que esse tipo de imposição central é politicamente inviável.

Temo que, diante do fracasso da política de estabilização, o governo utilize a promessa do crescimento como uma maneira de aglutinar apoio político. Afinal, é mais fácil repartir os sacrifícios com todo mundo crescendo um pouquinho. Difícil é descobrir que, depois de um ano de purgante, o que resta a fazer é tomar mais purgante.

Se a política de estabilização tivesse dado certo nos últimos meses, o governo teria motivos para anunciar um programa de crescimento. Aí seria um avanço inequívoco. A trégua de 45 dias teria razão de ser. E o prêmio seria o crescimento econômico. Mas, no quadro atual, a trégua pode ter sido uma retirada para a acomodação, uma tentativa de administrar a taxa de inflação elevada.

Como não conseguiu uma taxa de inflação compatível com a restauração do crescimento, o governo passa a admitir o crescimento mesmo com uma inflação alta, o que significaria uma *sarneyzação* do governo Collor. Esse é o meu temor. O Plano de Reconstrução Nacional pode adquirir o caráter de uma grande retirada. Isso é possível? Não. Se o governo tentar a acomodação, a situação vai explodir, o que seria lamentável.